

## MOMENTOS DECISIVOS

### SEGUNDA PARTE

Semeou Isaque naquela terra e, no mesmo ano, recolheu cento por um, porque o SENHOR o abençoava. Enriqueceu-se o homem, prosperou, ficou riquíssimo; possuía ovelhas e bois e grande número de servos, de maneira que os filisteus lhe tinham inveja. E, por isso, lhe entulharam todos os poços que os servos de seu pai haviam cavado, nos dias de Abraão, enchendo-os de terra. Disse Abimeleque a Isaque: Aparta-te de nós, porque já és muito mais poderoso do que nós. Então, Isaque saiu dali e se acampou no vale de Gerar, onde habitou. E tornou Isaque a abrir os poços que se cavaram nos dias de Abraão, seu pai (porque os filisteus os haviam entulhado depois da morte de Abraão), e lhes deu os mesmos nomes que já seu pai lhes havia posto – Gn 26.12 a 18

### INTRODUÇÃO:

O Contexto do Texto:

A narrativa da vida de Isaque é bem sucinta em relação à dos demais patriarcas (Abraão – Gn 12 a 25; Jacó – Gn 27 a 36; e José – Gn 37 a 50). O narrador bíblico quis enfatizar que em Isaque a aliança de Deus foi mantida e a prosperidade do patriarca é uma evidência clara do favor divino.

No curto relato da vida de Isaque surge alguns detalhes:

1. A importância da água para os moradores da antiga Palestina:

Há menções a poços no curto relato da vida de Isaque – Gn 26.15, 18, 19, 21, 22, 32 e 33. Numa região com baixíssima densidade pluviométrica um poço de águas potáveis é uma necessidade vital. Isaque sabia que ele, sua casa, seus servos e seus animais precisavam de águas abundantes para poderem sobreviver numa região tão árida.

2. A complexa convivência dos descendentes de Abraão com os filisteus:

Os filisteus eram conhecidos como “povos do mar”, eles procediam de Caftor (atual Chipre) uma ilha do Mediterrâneo – Gn 10.14. Abraão tinha uma relação amigável com os filisteus – Gn 21.32 a 34. Gerar era a principal cidade dos filisteus nos dias de Isaque – Gn 26.1. Os pastores de Isaque tiveram disputas com os filisteus por causa de poços de águas – Gn 26.19 a 21.

A mensagem que desejamos transmitir nessa ocasião se concentrará em dois pontos essenciais do relato bíblico:

1. As Fontes de Isaque
2. Os Entulhos dos Filisteus

O doutor David Martin Lloyd-Jones (1899-1981) teólogo inglês e pregador calvinista puritano, por ocasião do aniversário de 100 anos do primeiro avivamento do País de Gales (1959) pregou uma série de sermões a respeito da importância de a igreja experimentar “de tempos em tempos” uma renovação espiritual que recoloca Jesus Cristo no centro de tudo e resgate a importância de agir do Espírito Santo na comunidade da fé.

Os sermões pregados por ele naquela ocasião foram transcritos no livro *Avivamento* – publicado em português no ano de 1992 pela Editora PES (Publicações Evangélicas Seleccionadas).

A presente mensagem é uma releitura dos capítulos 2 e 4.

## **I. AS FONTES DE ISAUQUE**

Consideremos alguns fatos e figuras:

a) Isaque saiu de Hebrom e foi peregrinar em Gerar:

Abraão, bem assim Isaque, viveu boa parte de sua vida em Hebrom:

Veio Jacó a Isaque, seu pai, a Manre, a Quiriate-Arba (que é Hebrom), onde peregrinaram Abraão e Isaque – Gn 35.27

Deixando Hebrom Isaque foi peregrinar em Gerar, terra dos filisteus.

b) Em Gerar Isaque comete os mesmos erros de seu pai Abraão:

Isaque era um forasteiro em Gerar e lá mentiu a respeito da identidade de Rebeca, assim como Abraão havia feito a respeito de Sara noutras duas ocasiões (Gn 12.10 a 20 – no Egito – e Gn 20.1 a 18).

Isaque, pois, ficou em Gerar. Perguntando-lhe os homens daquele lugar a respeito de sua mulher, disse: É minha irmã; pois temia dizer: É minha mulher; para que, dizia ele consigo, os homens do lugar não me matem por amor de Rebeca, porque era formosa de aparência – Gn 26.6 e 7

Esse artifício de Isaque mostra que sua fé na proteção divina era oscilante e imatura.

c) Em Gerar Isaque prospera:

Uma vez resolvido o impasse a respeito da identidade de Rebeca – Gn 26.6 a 11 – o relato bíblico enfatiza a prosperidade de Isaque – Gn 26.12 a 14.

d) Os antigos poços cavados pelos servos de Abraão:

Abraão havia cavado poços para prover água para sua família, seus servos e seus animais. Isaque os procurou para valer-se deles novamente.

E tornou Isaque a abrir os poços que se cavaram nos dias de Abraão, seu pai [...] e lhes deu os mesmos nomes que já seu pai lhes havia posto – Gn 26.18

Lendo o texto figuradamente – O que representam as fontes de Isaque?

As fontes de Isaque representam, segundo a leitura de Martin Lloyd-Jones as Escrituras e seus ensinamentos.

Em diversas ocasiões as Escrituras são comparadas a águas:

Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite. Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem sucedido – Sl 1.1 a 3

A corrente de águas a que o salmista se refere é a “lei do Senhor” (*Torah*) mencionada no verso 2. Para o salmista o bem-aventurado obtém êxito em tudo o que faz porque está plantado junto a essas fontes de águas correntes que são “a lei do Senhor” e seus ensinamentos.

João Calvino ensinava uma vinculação inseparável da Palavra e o Espírito de Deus. Segundo ele, o Espírito não age contra a Palavra; tudo o que vem do Espírito é Palavra de Deus e o agir do Espírito sempre confirma a Palavra de Deus.

Da mesma forma, ‘a Palavra’ não pode ser separada ‘do Espírito’, como imaginam os fanáticos, que, desprezando a palavra, ufanam-se no nome do Espírito, e incrementam coisas, como confidenciais, em suas próprias imaginações. É o espírito de Satanás que é separado da palavra, a qual o Espírito de Deus está continuamente unido. (John Calvin, *Commentary on the Book of the Prophet Isaiah*, vol. III, Baker Book House, Grand Rapids, Michigan, 1981, (59.21), p. 271 em: O Espírito e a Palavra de Deus segundo João Calvino encontrado em [http://www.monergismo.com/textos/jcalvino/Esp-St-Palavra\\_Mauro-Filgueiras](http://www.monergismo.com/textos/jcalvino/Esp-St-Palavra_Mauro-Filgueiras))

O Espírito Santo agindo através da Palavra de Deus opera o verdadeiro despertamento espiritual e nos permite “dessedentar” nossa sede de Deus conduzindo-nos a Deus, “o manancial de águas vivas” e a Cristo aquele que concede a água que dessedenta a alma:

O profeta Jeremias advertiu seus contemporâneos:

Porque dois males cometeu o meu povo: a mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm as águas – Jr 2.13

E Jesus disse a respeito de si mesmo:

Replicou-lhe Jesus: Se conheceras o dom de Deus e quem é o que te pede: dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva. [...] Quem beber desta água tornará a ter sede; aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna – Jo 4.10, 13 e 14

E do Espírito Santo:

No último dia, o grande dia da festa, levantou-se Jesus e exclamou: Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva. Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado – Jo 7.37 a 39

O doutor Martin Lloyd-Jones enfatiza em seu sermão que assim como para Isaque o acesso a águas potáveis era de importância vital, assim também para a igreja é de importância vital que ela recorra às Escrituras e encontre nelas, auxiliado pelo Espírito Santo, o acesso àquela fonte da qual todo que dela beber “jamais terá sede”.

## II. OS ENTULHOS DOS FILISTEUS

Não basta retornar às “fontes de Isaque” é preciso retirar delas os entulhos dos filisteus.

Consideremos alguns fatos e figuras:

O relato bíblico não nos dá detalhes de que natureza eram os entulhos dos filisteus. Provavelmente eles jogaram galhos de árvores, pedras, resíduos diversos, o que importa no relato é que esses entulhos impediam que Isaque, sua família, seus servos e animais tivessem acesso às águas. Isaque precisou desentulhar os poços para poder ter acesso às águas.

- Lendo o texto figuradamente – O que representam os entulhos dos filisteus?

Atualmente os “entulhos dos filisteus” representam tudo aquilo que nos impede de dar a Cristo o devido lugar e permitir que o Espírito Santo realize em nós e através de nós o desejo de Deus.

Martin Lloyd-Jones identificou a incredulidade, a impureza doutrinária, a ortodoxia defeituosa, a ortodoxia morta e a inércia espiritual como exemplos atuais dos “entulhos dos filisteus” que nos impede de ter pleno acesso às águas vivas que fluem da Palavra de Deus mediante a operação do Espírito Santo.

Hoje continuamos lidando com questões similares.

### 1) O Evangelho Antropocentrizado:

Desde os dias do Iluminismo (Séculos XVII e XVIII) temos presenciado uma reviravolta no mundo ocidental, uma inversão de polaridades, o homem tem sido colocado no centro de tudo. Esse fenômeno é um retorno ao velho modo de ver o mundo de Protágoras que ensinar ser o homem a medida de todas as coisas.

A centralidade de Cristo tem no antropocentrismo cultural, teológico e prático seu principal rival. No antropocentrismo moderno Jesus Cristo é colocado de lado e passa a ser uma figura que serve para o propósito maior de fazer com que todas as coisas convirjam ao homem e sua felicidade.

Mas as Escrituras afirmam que Jesus Cristo é o centro, o começo, o meio e a finalidade de todas as coisas:

Este é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste. Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia, porque aprovou a Deus que, nele, residisse toda a plenitude – Cl 1.15 a 19

Só Jesus é digno de ser o centro:

Vi e ouvi uma voz de muitos anjos ao redor do trono, dos seres viventes e dos anciãos, cujo número era de milhões de milhões e milhares de milhares, proclamando em grande voz: Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor. Então, ouvi que

toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há, estava dizendo: Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos. E os quatro seres viventes respondiam: Amém! Também os anciãos prostraram-se e adoraram – Ap 5.11 a 14

O antropocentrismo se vale de inovações teológicas. Essas inovações teológicas invariavelmente relega as Escrituras a um lugar sem importância e por essa razão são chamadas de liberais, negando às Escrituras autoridade e inspiração divina.

Todas as tentativas de colocar o homem no centro serão frustradas por Deus:

...desvendando-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo, de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra... – Ef 1.9 e 10

Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai – Fp 2.9 a 11

Essas teologias liberais são de duas naturezas: Teologias liberais importadas e latino-americana.

## 2) Teologias Liberais Importadas:

Muitas são as teologias liberais importadas, porém iremos nos concentrar em duas delas.

### a) Teísmo Aberto – Também conhecida como *Openess God* ou ainda Teologia Relacional

O reverendo Augustus Nicodemus Lopes em seu artigo *Teologia Relacional: um novo deus no mercado*, alista os 6 pontos principais dessa proposta teológica:

A teologia relacional, como movimento, teve início em décadas recentes, embora seus conceitos sejam bem antigos. Ela ganhou popularidade por meio de escritores norte-americanos como Greg Boyd, John Sanders e Clark Pinnock. No Brasil, estas ideias têm sido assimiladas e difundidas por alguns líderes evangélicos, às vezes de forma aberta e explícita. A teologia relacional considera a concepção tradicional de Deus como inadequada, ultrapassada e insuficiente para explicar a realidade, especialmente catástrofes como o tsunami de dezembro de 2004, e se apresenta como uma nova visão sobre Deus e sua maneira de se relacionar com a criação. Seus pontos principais podem ser resumidos desta forma:

1. O atributo mais importante de Deus é o amor. Todos os demais estão subordinados a este. Isto significa que Deus é sensível e se comove com os dramas de suas criaturas.

2. Deus não é soberano. Só pode haver real relacionamento entre Deus e suas criaturas se estas tiverem, de fato, capacidade e liberdade para cooperarem ou contrariarem os desígnios últimos de Deus. Deus abriu mão de sua soberania para que isto ocorresse. Portanto, ele é incapaz de realizar tudo o que deseja,

como impedir tragédias e erradicar o mal. Contudo, ele acaba se adequando às decisões humanas e, ao final, vai obter seus objetivos eternos, pois redesenha a história de acordo com estas decisões.

3. Deus ignora o futuro, pois ele vive no tempo, e não fora dele. Ele aprende com o passar do tempo. O futuro é determinado pela combinação do que Deus e suas criaturas decidem fazer. Neste sentido, o futuro inexistente, pois os seres humanos são absolutamente livres para decidir o que quiserem e Deus não sabe antecipadamente que decisão uma determinada pessoa haverá de tomar num determinado momento.

4. Deus se arrisca. Ao criar seres racionais livres, Deus estava se arriscando, pois não sabia qual seria a decisão dos anjos e de Adão e Eva. E continua a se arriscar diariamente. Deus corre riscos porque ama suas criaturas, respeita a liberdade delas e deseja relacionar-se com elas de forma significativa.

5. Deus é vulnerável. Ele é passível de sofrimento e de erros em seus conselhos e orientações. Em seu relacionamento com o homem, seus planos podem ser frustrados. Ele se frustra e expressa esta frustração quando os seres humanos não fazem o que ele gostaria.

6. Deus muda. Ele é imutável apenas em sua essência, mas muda de planos e até mesmo se arrepende de decisões tomadas. Ele muda de acordo com as decisões de suas criaturas, ao reagir a elas. Os textos bíblicos que falam do arrependimento de Deus não devem ser interpretados de forma figurada. Eles expressam o que realmente acontece com Deus. (Fonte: [http://www.monergismo.com/textos/prescencia/augustus\\_teologia\\_relacional.htm](http://www.monergismo.com/textos/prescencia/augustus_teologia_relacional.htm))

#### b) Teologia da Prosperidade

No site da Faculdade Batista do Paraná encontramos um artigo bem instrutivo:

A origem da Teologia da Prosperidade está ligada ao gnosticismo, movimento religioso do século I e II depois de Cristo. Este grupo afirmava ter uma verdade especial, mais elevada, que era acessível somente aos “iluminados” por Deus. Neste aspecto tanto os gnósticos como os ensinamentos da Teologia da Prosperidade vão além dos ensinamentos das Sagradas Escrituras, pois são diferentes dos ensinamentos bíblicos. Os adeptos da Teologia da Prosperidade, na sua maioria, são pessoas ligadas a igrejas neopentecostais, pois elas não sustentam os mesmos ensinamentos doutrinários, mas apenas concordam com as doutrinas referentes à saúde perfeita e à prosperidade financeira. [...] A Teologia da Prosperidade teve origem nos Estados Unidos, no ano de 1930. Seu fundador foi Essek William Kenyon, que, apesar de ter passado por igrejas tradicionais e pentecostais, foi influenciado pelos ensinamentos filosóficos pelas seitas metafísicas conhecidas como Igreja da Ciência religiosa, Ciência Cristã e outros. Sua pregação principal era sobre cura divina e suas principais posições doutrinárias foram: o ser humano é dividido em espírito, alma e corpo, porém o mais importante é o espírito; Deus criou o mundo pela palavra da fé e

todo cristão deve proferir palavras da fé para ter aquilo que deseja, inclusive Kenyon usou a palavra da fé para ganhar dinheiro; ensinando que, na Queda, Adão perdeu a autoridade sobre a terra e Satanás se tornou o deus deste mundo e, que por meio da confissão positiva, com o tipo de fé de Deus, o cristão pode vencer a doença e a pobreza. Embora Kenyon seja o fundador da Teologia da Prosperidade, foi Kenneth Hagin que popularizou este ensino, que é hoje em dia um dos maiores movimentos que tem crescido no mundo evangélico na atualidade. Hagin ensinava que a prosperidade financeira era um direito do cristão, pois fazia parte da expiação feita por Jesus Cristo na cruz do Calvário, e que tanto a doença como a pobreza nunca representaram a vontade de Deus. Hagin criou algumas fórmulas e afirmava que estas poderiam livrar os cristãos da miséria, bastava seguir um conjunto de regras de cinco condições para alcançar seus direitos na área da saúde e da prosperidade financeira nesta vida. Muitos discípulos de Hagin estão levando adiante os seus ensinamentos, como se era de esperar, também estão aprimorando os ensinamentos referentes à prosperidade financeira, como seu filho Kenneth Hagin; Kenneth Copeland; Morris Cerullo e Frederick K. C. Percebe-se que a doutrina da Teologia da Prosperidade, iniciada por Kenyon, foi popularizada e aperfeiçoada por Hagin, principalmente na parte da prosperidade financeira. Hagin, por sua vez, ganhou adeptos que continuaram a ensinar e aprimorar os ensinamentos referentes a riquezas, sendo que este ensino parte do pressuposto de um entendimento extrabíblico, pois possui uma interpretação voltada principalmente aos desejos humanos de ter uma vida cheia de fartura e regalias aqui nesta terra. Fonte: <https://fabapar.com.br/blog/as-origens-norte-americanas-da-teologia-da-prosperidade-seus-ensinos-e-sua-influencia-no-contexto-brasileiro/>

### 3) Teologia Liberal Latino-americana – Teologia da Libertação

A Teologia da Libertação é uma teologia que propõe uma nova hermenêutica. O reverendo Augustus Nicodemus Lopes em seu artigo *A Hermenêutica da Teologia da Libertação: Uma análise de Jesus Cristo Libertador, de Leonardo Boff* nos apresenta os princípios interpretativos por trás da Teologia da Libertação. Segundo ele,

Teólogos da libertação leem o texto a partir das necessidades da sociedade contemporânea em que vivem. Uma leitura dessa perspectiva destaca os textos que tratam da libertação dos oprimidos. Um bom exemplo é a Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, editada pela Editora Vozes e produzida por estudiosos católicos da teologia da libertação. [...] O enfoque da cristologia de Boff, como também o de outras cristologias latino-americanas, está posto sobre a vida e o ministério de Jesus como pessoa humana. As razões dadas por autores liberacionistas são estas: (1) meditar sobre a vida humana de Jesus, em vez de especular sobre a sua divindade, é mais diretamente pertinente para uma situação de opressão; (2) o contexto do ministério de Jesus na Palestina, ocupada pelos romanos, é adequadamente semelhante ao contexto da América Latina de hoje; (3) a vida humana de Jesus fornece pistas sobre

como os latino-americanos podem realizar o seu potencial humano amordaçado.

Os teólogos libertacionistas adotam a hermenêutica histórico-crítica. Um bom exemplo dessa hermenêutica provém dos escritos do teólogo católico argentino Severino Croatto:

Severino Croatto, outro conhecido teólogo católico da libertação que adota os pressupostos do método histórico-crítico, mantém o mesmo ceticismo quanto à historicidade (veracidade) dos relatos sobre a saída de Israel do Egito, como contidos no livro de Êxodo. Ele sugere que o relato do Êxodo como o temos na Bíblia, particularmente a vocação de Moisés, as pragas do Egito, a Páscoa apressada e a travessia do mar “não são episódios do acontecimento da libertação, mas expressões de seu sentido, como projeto e atuação de Deus ou como memória festiva”.

Os teólogos libertacionistas se valem das Escrituras para fundamentar e ilustrar seus ensinamentos, porém associam-na a outras bases de interpretação:

A concepção das Escrituras por parte de teólogos da libertação que se utilizam do método histórico-crítico é geralmente a mesma: não reconhecem atributos das Escrituras tais como inspiração, inerrância, necessidade, autoridade, perspicuidade e suficiência. Boff não é exceção. Para ele, os Evangelhos não são investidos de autoridade em sua forma canônica e nem são suficientes. [...] Os críticos em geral têm reconhecido que os teólogos da libertação se utilizam de várias e diferentes fontes de análise e conhecimento. A sua abordagem é mais “ecclética”.

Augustus Nicodemus Lopes alista 3 observações a respeito da Teologia da Libertação:

1. A teologia da libertação surgiu como produto da hermenêutica *reader-response*. Esse tipo de hermenêutica surgiu no final da década de 60 e tornou-se proeminente durante a década de 70. Ela enfatiza a relação recíproca entre o leitor e o texto, como uma reação à nova crítica literária e ao estruturalismo, que ensinaram a autonomia do texto. Seu suporte filosófico vem das obras do filósofo alemão Hans-Georg Gadamer.
2. A rejeição da intenção autorial. O sentido de um texto não é encontrado na pesquisa diacrônica em busca do sentido original e histórico mas através do diálogo com o texto no presente. Portanto, a intenção do autor não é decisiva para se estabelecer o sentido de um texto para um determinado leitor.
3. A importância das pressuposições do leitor. Ao contrário da perspectiva negativa que o racionalismo tinha sobre as pressuposições do leitor na interpretação, Gadamer tem uma abordagem bem apreciativa e até afirma que as pressuposições são a chave para a compreensão de um dado texto.

E conclui afirmando:

O significado original das Escrituras não é mais *imediatamente* compreensível a nós hoje, por causa da grande distância cultural e linguística entre nós e a Bíblia. É necessário construir uma ponte, isto é, interpretar, ou, em outras palavras, ter uma



mediação hermenêutica. Por meio dessa mediação hermenêutica, é desenvolvido um critério teológico com o qual se pretende ler o texto. O critério adotado por Boff é a análise social da realidade.

O critério usado por Leonardo Boff, Severino Croatto e outros teólogos libertacionistas é a tradição analítica marxista.

#### 4) Teologia “Coaching” – Teologia da Auto-ajuda

Mais recentemente, surfando nas ondas das igrejas alternativas, temos visto o surgimento de uma teologia que tem fonte ênfase na realização pessoal. A Teologia Coaching é tão ou mais danosa que as demais citadas anteriormente. Ela se apresenta como uma substituta à Teologia da Prosperidade, cujos pregadores se encontram em franca decadência ou envolvidos em escândalos financeiros e morais.

Jaime Francisco de Moura define *coaching* como:

Um mix de recursos que utiliza técnicas, ferramentas e conhecimentos de diversas ciências como a administração, gestão de pessoas, psicologia, neurociência, linguagem ericksoniana, recursos humanos, planejamento estratégico, entre outras visando à conquista de grandes e efetivos resultados em qualquer contexto, seja pessoal, profissional, social, familiar, espiritual ou financeiro. [...] Conduzido de maneira confidencial, o processo de Coaching é realizado através das chamadas sessões, onde um profissional chamado Coach tem a função de estimular, apoiar e despertar em seu cliente, também conhecido como coachee, o seu potencial infinito para que este conquiste tudo o que deseja.

O coaching tem invadido os púlpitos brasileiros:

Muitos pastores e líderes tem enveredado por esse caminho. Tratam suas pregações como palestras motivacionais da fé que confundem fé com força e vontade, evangelho com motivacionismo e Cristo com um palestrante. O foco está naquilo que o homem pode fazer através da sua fé pessoal. Fé essa que passa por Cristo, mas que tem seu objeto na própria pessoa e nos seus esforços dirigidos. Muitas “pregações” tem o mesmo objetivo do coaching, ou seja, estão “visando à conquista de grandes e efetivos resultados em qualquer contexto, seja pessoal, profissional, social, familiar, espiritual ou financeiro”. O apelo pode ser até espiritual, mas ainda assim você já deve ter escutado muito coisas do tipo “como ser o melhor marido”, “como atrair e fidelizar pessoas para o reino”, “alcançando sucesso através da fé”. Tudo isso travestido de espiritualidade...

Embora pareça inofensiva a Teologia Coaching é sutil e perigosa porque se esmera em dissimular seus objetivos:

A Teologia do Coaching busca descobrir o potencial de cada pessoa para que ela alcance seus próprios objetivos. Dependência de Deus é algo apenas fantasiado. Orações são feitas apenas para que Deus abençoe nossos planos e para que Ele nos dê apoio em nossa própria empreitada. O sobrenatural é esquecido e Deus vai ficando cada vez mais distante. Na Teologia do Coaching o soberano é o indivíduo com

suas decisões de fé e sucesso. Em muitas igrejas tudo que você vai encontrar nos púlpitos são mensagens sobre o que os homens podem fazer para ser alguma coisa melhor do que já são. Até a mistura com conteúdos de coaching, marketing pessoal e psicologia você encontrará. Aliás, tem sido comum pastores e líderes entrarem nesses cursos e palestras para serem mais persuasivos, contagiantes e teatrais (pra não usar manipuladores). O Espírito Santo não tem muito espaço na Teologia do Coaching, mesmo que usem seu nome. A Teologia do Coaching está substituindo a Teologia da Prosperidade. Esse discurso tem atraído jovens, empresários, profissionais liberais, e todo o tipo de gente, principalmente na classe média. E aqui está a transição entre as duas abordagens. A Teologia da Prosperidade faz uma barganha com Deus crendo que Ele efetuará milagres para benefício material e espiritual do homem. A Teologia do Coaching eliminou a barganha ao deixar Deus de longe, mas passou a ter no próprio homem a força “*milagrosa*” para seu benefício material e espiritual. Na Teologia da Prosperidade ainda há uma certa dependência de Deus e seu agir sobrenatural, enquanto na Teologia do Coaching o homem declarou sua independência. O relacionamento de barganha foi substituído para o relacionamento de plateia. O Deus da Teologia do Coaching está assistindo e torcendo pelos grandes empreendedores no palco da fé. Essa é uma teologia mais sutil, que parece mais humilde, mas na verdade transborda soberba ainda mais do que a tenebrosa Teologia da Prosperidade. Seu ambiente menos escandaloso e mais conformado a cultura secular permite que esse tipo de abordagem lote igrejas e obtenha grande aceitação. Geralmente se fala o que as pessoas querem ouvir e pecados são tratados como pedra e obstáculos no caminho que devem ser superados. A pregação fica até mais dinâmica, com uso de mídias, frases de efeito e motivação mútua. Tudo isso associado com o desejo material dos nossos dias só contribuem para que a Teologia do Coaching ganhe terreno. Fonte: <https://www.veritatis.com.br/teologia-da-prosperidade-e-teologia-do-coaching-no-meio-protestante/>

### III. TESTEMUNHOS HISTÓRICOS

Diante de tudo o que dissemos acima, devemos concluir que precisamos retornar às Escrituras. Para tornar isso mais claro quero invocar nesse subponto o testemunho dos Reformadores do século XVI e dos Avivalistas do século XVIII.

a) O lugar da Palavra e do Espírito no testemunho dos Reformadores:

O professor Francisco Solano Portela Neto em seu artigo *A Mensagem da Reforma para os Dias de Hoje* resalta que Martinho Lutero “não formulou novas doutrinas ou novas verdades, mas redescobriu a Bíblia em sua pureza e singularidade”.

A Palavra de Deus, cujas doutrinas estavam soterradas sob o entulho da tradição, é que foi resgatada. [...] Nenhum dos reformadores declarou ter “descoberto” qualquer verdade oculta, mas eles tão somente apresentaram em toda singeleza os ensinamentos das Escrituras. Seus comentários e controvérsias versaram sempre sobre a clara exposição da Palavra de Deus.

Segundo Solano Portela:

- A Reforma Resgatou o Conceito do Pecado – Rm 3.10-23
- A Reforma Pregou a Doutrina da Justificação Somente pela Fé – Gl 3.10-14

- A Reforma Resgatou o Conceito da Autoridade Vital da Palavra de Deus – 2 Pe 1.16-21
- A Reforma Redescobriu na Palavra a Doutrina do Sacerdócio Individual do Crente – Hb 10.19-21
- E. A Reforma Apresentou, de Forma Clara e Inequívoca, o Conceito da Soberania de Deus — Salmo 24

E conclui:

Devemos reconhecer a Reforma como um movimento operado por homens falíveis, mas poderosamente utilizados pelo Espírito Santo de Deus para resgatar suas verdades e preservar a sua igreja. Não devemos endeusar os reformadores nem a Reforma, mas não podemos deixá-la esquecida e nem deixar de proclamar a sua mensagem, que reflete o ensinamento da Palavra de Deus aos dias de hoje. A natureza humana continua a mesma, submersa em pecado. Os problemas e situações tendem a repetir-se, até no seio da igreja. O Deus da Reforma fala ao mundo hoje, com a mesma mensagem eterna. Devemos, em oração e temor, ter a coragem de proclamá-la à nossa igreja. Fonte: [https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/02/2\\_A\\_Mensagem\\_da\\_Reforma\\_para\\_os\\_dias\\_de\\_Hoje\\_Solano\\_Portela.pdf](https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/02/2_A_Mensagem_da_Reforma_para_os_dias_de_Hoje_Solano_Portela.pdf)

b) O lugar da Palavra e do Espírito nos Avivamentos do século XVIII:

A respeito do estado espiritual e moral da Inglaterra antes do Avivamento Wesleyano Paulo Anglada afirma:

A Igreja da Inglaterra, na sua grande maioria, jazia inerte, sem nenhum vigor. Os sermões, meros ensaios morais, nada podiam fazer no sentido de despertar, converter e salvar os pecadores. “As importantes verdades pelas quais Hooper e Latimer tinham ido para a fogueira, e Baxter e muitos dos puritanos, para a prisão, pareciam ter sido totalmente esquecidas e colocadas na prateleira”. [...] Os bispos e arcebispos da época, na sua grande maioria, eram homens mundanos; tão mundanos que houve casos em que o próprio rei teve de intervir para restringir a impiedade deles. Para se ter uma ideia da situação, conta-se que, quando a pregação de Whitefield começou a incomodar o clero, foi sugerido com seriedade pelo próprio clero que a melhor maneira de dar um fim à sua influência era torná-lo um bispo. [...] A verdade é que a situação moral da Inglaterra na primeira metade do século XVIII era tão baixa, que condutas reprováveis e comuns hoje no Brasil, como a prática do adultério, fornicção, jogo, linguagem obscena, profanação do domingo e bebedice, também não eram consideradas coisas condenáveis na Inglaterra na primeira metade do século dezoito. Estas eram as práticas da moda nas camadas mais elevadas da sociedade da época e não escandalizavam ninguém.

Anglada cita os nomes dos principais pregadores desse período histórico da Igreja na Inglaterra.

George Whitefield, John Wesley, William Grimshaw, William Romaine, Daniel Rowlands, John Berridge, Henry Venn, Samuel Walker, James Harvey, Augustus Toplady e John Fletcher, soberanamente escolhidos, habilitados, ungidos e revestidos de

especial graça, sacudiram a Inglaterra de um extremo ao outro com a antiga arma apostólica da pregação.

A respeito da mensagem que tais pregadores pregavam Anglada afirma:

O que pregavam esses homens? Todo o conselho de Deus, especialmente doutrinas como a suficiência e a supremacia das Escrituras, a total corrupção da natureza humana, a morte expiatória de Cristo na cruz, a justificação pela graça mediante a fé, a necessidade universal de conversão e de uma nova criação pelo Espírito Santo, a união inseparável da verdadeira fé com a santidade pessoal, o ódio eterno de Deus pelo pecado e o seu amor pelos pecadores. Eles não hesitavam em proclamar clara e diretamente às pessoas “que elas estavam mortas e precisavam viver; que se encontravam culpadas, perdidas, desamparadas, desesperadas e em perigo iminente de destruição eterna”. “Por mais estranho e paradoxal que pareça a alguns”, afirma Ryle, “o primeiro passo deles no propósito de tornar bom o homem, foi mostrar que este era completamente mau; e o argumento primordial deles, no sentido de persuadir as pessoas a fazerem alguma coisa por suas almas, era convencê-las de que não podiam fazer nada por elas”. Eles também “nunca recuaram em declarar, nos termos mais claros, a certeza do julgamento de Deus e da ira porvir, se os homens persistissem na impenitência e incredulidade; e, apesar disso, nunca cessaram de magnificar as riquezas da bondade e da compaixão de Deus e de conclamar todos os pecadores a arrependem-se e voltarem-se para Deus, antes que fosse tarde demais”. Fonte: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/o-grande-reavivamento-na-inglaterra-no-seculo-xviii/>

O estado espiritual das colônias britânicas nos dias de Jonathan Edwards e os irmãos Tenents não era diferente do estado espiritual e moral da Inglaterra.

Os primeiros puritanos que chegaram ao Novo Mundo se estabeleceram em Plymouth (1620) e depois em Salém e Boston (1629-1630). O seu ideal era edificar uma comunidade verdadeiramente cristã, uma igreja com pessoas convertidas e comprometidas com Deus. O século XVII foi marcado por um notável progresso político, econômico e social na Nova Inglaterra e por um acentuado declínio da piedade puritana, em especial nas últimas décadas.

Depois de um período marcado por sofrimentos e privações, os colonos alcançaram crescente prosperidade. A grande maioria da população era de classe média e a pobreza era praticamente ausente. Apesar do fato de que todo esse progresso foi alcançado graças aos elevados valores éticos e religiosos dos puritanos, a prosperidade material se tornou motivo de um declínio no fervor religioso entre as novas gerações. O mundanismo invadiu a vida da segunda geração de colonos e o cristianismo se tornou meramente nominal.

Apesar dos esforços da primeira geração de puritanos, a segunda geração teve seu fervor religioso arrefecido. Uma das causas apontadas por vários historiadores foi o *Half-Way Covenant*, que dava a indivíduos não convertidos, ou que não haviam feito pública profissão de fé, o direito de participar dos sacramentos da igreja. Antes do *Half-Way Covenant*, somente aqueles que pudessem dar pública profissão de conversão eram admitidos à comunhão da igreja e a seus sacramentos.

Com o relaxamento das normas para admissão à comunhão da igreja, surgiu o cristianismo nominal e a conseqüente apatia espiritual derivada do mesmo. A doutrina calvinista da conversão foi colocada à parte e muitos ministros da Nova Inglaterra começaram, lentamente, a abandonar a posição doutrinária monergista em favor de uma nova opção teológica que via a conversão como uma experiência progressiva que se fundamentava numa mútua cooperação entre a ação divina e a livre vontade humana.

O contexto intelectual era bastante complexo e de crescente influência sobre os mais diversos aspectos da vida humana. As ideologias que vinham do velho continente europeu ameaçavam os elevados ideais dos puritanos da Nova Inglaterra. O iluminismo francês, ainda em forma embrionária, endeusava a razão e colocava em dúvida muitos elementos vitais para as convicções evangélicas e reformadas dos puritanos. O deísmo, versão religiosa do iluminismo que falava de um Deus ausente e de um mundo regido meramente por leis naturais, criadas por Deus para o bem da humanidade, fim último desta versão religiosa, estabelecia um contraste gritante com o *New England Way*.

Com a chegada do Grande Despertamento Espiritual houve profundas mudanças nas treze colônias britânicas na América.

Nos dias de Edwards ocorreu um avivamento nas igrejas sob jurisdição dos irmãos Gilbert e William Tennent. Estes ministros presbiterianos puderam perceber entre seus paroquianos um novo e incomum apego à piedade. As congregações entre New Brunswick e Staten Island passaram a exibir uma nova vida em termos de piedade. Foi um abençoado e silencioso avivamento que precedeu e deu origem ao Grande Despertamento que se seguiria na quarta década do século XVIII. Embora não haja pontos de contato entre o avivamento liderado pelos irmãos Tennent e o avivamento ocorrido em Northampton na metade da quarta década do século XVIII, o que os uniu na década seguinte foram as campanhas evangelísticas do pregador itinerante George Whitefield.

Os resultados deste avivamento foram surpreendentes. Houve grande alegria entre o povo de Northampton e logo o avivamento se espalhou por todas as cidades e vilarejos próximos. O fenômeno rapidamente se estendeu a Suffield, South Haddley e Hatfield, em Massachusetts, bem como a East Windsor, Lebanon e New Haven, em Connecticut. Semelhantes visitasões do Espírito Santo foram percebidas em todo o vale do rio Connecticut.

Edwards deu sinais abundantes para advogar a natureza espiritual e divina desse pequeno despertamento espiritual: uma transformação visível da cidade, uma melhoria significativa na vida familiar dos paroquianos, uma adoração pública mais cheia de vida. A pregação da palavra se tornou especialmente apreciada pelo público, assuntos espirituais se tornaram o centro da vida cotidiana, pessoas de todas as idades foram convertidas, a obra de Deus era rápida e eficaz. A igreja que Edwards pastoreava chegou a contar com seiscentos e vinte comungantes neste período. Todavia, a maior evidência, segundo Edwards, era o arrependimento dos pecados.

O esforço que muitos pregadores fizeram no passado para dissuadir a juventude do erro tinha sido em vão. Todavia, depois desta grande alteração, os jovens abandonaram seus vícios e se tornaram mais sérios e humildes, até mesmo em suas conversações. Edwards se anima em dizer que mais mudanças ocorreram nos últimos dois anos do que nos trinta anos anteriores de história religiosa da Nova Inglaterra.